

O HÍBRIDO NA LITERATURA DOS ESTADOS UNIDOS

Stelamaris Coser

Em tempos marcados por migrações e deslocamentos, a crítica da cultura tem-se voltado com frequência para as implicações de múltiplos movimentos migratórios dentro de um mesmo país, através de fronteiras nacionais e entre continentes. No caso particular dos Estados Unidos, algumas questões assumem importância crucial. O que representam esses deslocamentos em uma sociedade habituada a catalogar separadamente as categorias raciais e étnicas? Qual sua capacidade de se deixar contaminar pela cultura do "terceiro mundo" quando, intensificado o trânsito internacional, a desterritorialização se torna um fenômeno de massa? Os estudos da cultura vêm buscando estratégias para adequar-se aos desafios apresentados pela interculturalidade e a necessidade de repensar definições de comunidade e nação. Dentre os novos conceitos e abordagens difundidos nos países de língua inglesa, ressalta a valorização da idéia de híbrido e dos processos de hibridação em substituição a teorias monolíticas e categorias uniformes. Será possível e desejável escapar a binarismos para subverter hierarquias? Como fica a segunda metade do binômio branco-negro quando o quadro se torna múltiplo? Este trabalho pretende abordar exatamente esta dicotomia no contexto dos Estados Unidos e observar algumas ligações com a situação brasileira.

Independente do ângulo em que seja usado ou interpretado, o termo *híbrido* é carregado de ambigüidade e polêmica. Ligado à biologia, remete à preocupação com a mistura das espécies que aflora em pesquisas e escritos europeus do século XIX. A primeira definição proposta pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* aponta para seu conteúdo negativo: "animal ger. estéril, formado pelo cruzamento de progenitores de espécies diferentes; bastardo" (e.g. burro e

mula). Até mesmo a etimologia truncada da palavra vai absorver conotações desfavoráveis adicionais, como explica o dicionário:

A grafia mais usual *hybrida* (encontrada nos manuscritos de Horácio, Valério Máximo e em inscrições) foi influenciada prov. por uma falsa aproximação literária com o gr. *húbris*, *eos* 'tudo que excede a medida, excesso, impetuosidade' e *húbrisma*, *atos* 'ultraje, violência'.¹

Ao traçar paralelos com espécies híbridas de animais estéreis e plantas debilitadas, a ciência européia divulgou o princípio de que a miscigenação entre raças diferentes seria danosa para a espécie humana e resultaria na decomposição ou degradação dos descendentes híbridos, considerados por Robert Knox "uma monstruosidade da natureza".² Embora a ciência viesse a reverter tal juízo e constatar que espécies híbridas da botânica apresentavam maior vigor e resistência do que as espécies puras que lhes deram origem³, predominou no século XIX, tanto nos Estados Unidos como em outras partes do continente americano, a idéia de que a mistura racial e étnica era algo distante, perigoso, indicativo da degeneração das espécies. Já no século XX, cientistas sociais e historiadores norte-americanos debruçaram-se sobre o binômio preto e branco e se voltaram para a propalada *democracia racial* brasileira na esperança de entender e amenizar as crescentes dificuldades de convivência pacífica em seu país.

A tradução para o português de um poema narrativo do escritor negro norte- americano Langston Hughes (1902-1967) permite transportar tais comparações para o âmbito da literatura. No original inglês, sob o título "Cross", que como substantivo pode significar cruzamento, encruzilhada e cruz, o narrador fala de sua condição de mulato, filho de mãe negra e pobre e de pai branco e rico. Se antes houvera rejeição e revolta contra os pais, a maturidade traz agora o

¹ HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1526.

² apud PALMER, Felicity. Sex, hybridity, and contamination: racial theories of the nineteenth century. Disponível em: <<http://www.ca.us.flea.org/thesis>>. Acesso em: 26 mar. 2001.

³ STROSS, Brian. The hybrid metaphor from biology to culture. *Journal of American Folklore*, University of Missouri, v.112, n.445, p. 254-67, Summer 1999.

desejo de reconciliação com a memória dos pais e a reflexão sobre a própria identidade híbrida num universo de classes sociais rigidamente separadas por raça e cor. A proposta integracionista se assemelha à atitude predominante entre os intelectuais negros por volta dos anos 40. O texto lembra o lamento e a ironia do *blues* e seu elemento crucial (sem intenção de trocadilho) está exatamente no título. Ao verter o monólogo para a língua portuguesa, o poeta e crítico literário Oswaldino Marques prefere conferir maior ambigüidade à dor ao denominá-lo, simplesmente, "Híbrido":

Cross
My old man's a white old man
And my old mother's black.
If ever I cursed my white old man
I take my curses back.

If ever I cursed my black old mother
And wished she were in hell,
I'm sorry for that evil wish
And now I wish her well.

My old man died in a fine big house.
My ma died in a shack.
I wonder where I'm gonna die,
Being neither white nor black.

Híbrido
Meu velho pai era branco,
Minha velha mãe era preta;
Se algum dia roguei praga ao meu velho pai
Bato agora na boca, arrependido.

Se alguma vez esconjurei minha velha mãe
E cheguei a querer que ela fosse para o inferno,
Agora me penitencio desses maus pensamentos
E desejo ardentemente
Que tudo lhe corra bem.

Meu pai morreu numa casa grande e bela,
Minha mãezinha numa miserável choupana;
Quem me dirá onde vou acabar os meus dias,
Não sendo branco nem preto!⁴

A associação entre tema, linguagem e musicalidade negras costuma caracterizar a obra de Langston Hughes, onde denúncia e drama podem revestir-se de humor e leveza. No poema, a dor está sugerida diretamente no título que sobrepõe e equipara o sofrimento de Cristo com a miscigenação e a encruzilhada. O ponto onde diversos caminhos se cruzam é duplamente significativo por evocar tanto o local de rituais africanos quanto o momento de escolha e dúvida ("I wonder..."), acrescido aqui da sugestão irônica de que não há direito à escolha para o negro que fala. A cruz cristã também se bifurca ironicamente já que lembra tanto a dor do Cristo quanto

⁴ HUGHES, Langston. Cross/ Híbrido. In: MARQUES, Oswaldino (Comp., Trad.). *O livro de ouro da poesia de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 142-143.

a ameaça de cruzes incendiárias da Ku Klux Klan. "Cross" remete, por fim, à agonia dos mulatos claros que *passavam* por brancos (ou *cruzavam* a rígida linha de fronteira racial), escapando à rigidez da classificação racial de períodos da história dos Estados Unidos. Tornavam-se párias, sem identidade e sem uma comunidade à qual pertencer ou, como diz o poema, onde morrer.

O sistema birracial dos Estados Unidos tradicionalmente rejeitou a classificação de pessoas de raça ou etnia dupla ou múltipla, impedindo assim o reconhecimento de "identidades raciais mistas".⁵ Essa carga histórica e cultural é evocada no título do poema de Hughes. Ao trazer o texto para a língua portuguesa e para o Brasil, o tradutor transporta-o também para uma cultura conhecida pela variedade de cores morenas e mulatas do povo e, segundo inúmeros estudos sociológicos, pela multiplicidade de termos que permitem escapar ao binarismo racial. Por outro lado, a adaptação brasileira do poema acaba por lembrar ao leitor o interesse pela híbrida *solução brasileira* para resolver o *dilema americano*. A segunda edição de *Casa Grande e Senzala* nos Estados Unidos (1966) contribuiria para difundir as idéias de Gilberto Freyre sobre o contraste entre o Brasil e a América inglesa, a qual, segundo Freyre, cultuava uniformidade e abominava diferença.⁶

Estudos comparativos das diferentes percepções de raça, cor e classe multiplicam-se ao longo das décadas seguintes, mas o elogio do sincrético e do híbrido gradativamente perde força em face da persistência de desigualdade e discriminação no Brasil e a falência das propostas assimilacionistas nos Estados Unidos. A crescente afirmação da diferença por parte de grupos afro-descendentes traduz-se na literatura e na crítica negra dos Estados Unidos em símbolos e

⁵ ZACK, Naomi. *Race and mixed race*. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p.4. Tradução minha deste e de outros textos de original inglês citados no trabalho, exceto se houver um tradutor indicado.

⁶ FREYRE, Gilberto. Prefácio à primeira edição em inglês. *The masters and the slaves: a study in the development of Brazilian civilization (Casa Grande e Senzala)*. 2ed. Tradução de Samuel Putnam. New York: Alfred A. Knopf, 1966.

histórias buscadas no passado africano ou escravo, no *nacionalismo negro* ou nos estudos afrocêntricos. O binômio branco e preto endurece e se radicaliza nas décadas de 60, 70 e 80, e a mistura racial parece sinônima de dor e destruição. Um exemplo na literatura é o romance *Corregidora* (1979) de Gayl Jones, que expõe e interroga a herança de ódio e neurose deixada pelo sistema colonial. A técnica narrativa híbrida mistura mito e história, passado e presente, espaços geográficos e níveis de realidade diversos. A protagonista Ursa, que vive em Kentucky na metade do século XX, tem sangue e traços físicos herdados de mulheres negras escravas que pertenceram e foram repetidamente violentadas por Corregidora, senhor de terras no Brasil. A revolta contra esse pai monstruoso perpassa todo o texto. Ursa se tortura ao ver no espelho a ambigüidade de sua cor morena e seus cabelos lisos e longos. A mistura racial, além disso, evoca estereótipos de perversão e sensualidade que alienam a mulher tanto do mundo branco, que a nega ou explora, quanto do negro, que a vê com suspeita e desconfiança. A cantora Ursa expressa sua agonia nas canções de *blues*, "música do diabo" híbrida e triste como ela.⁷

Nos versos do poema narrativo *Song for Anninho* (1981), Gayl Jones aborda diretamente o hibridismo cultural das Américas, voltando-se para novas estruturas sociais e culturais criadas por comunidades negras apesar da opressão colonial. Memórias da República de Palmares são contadas pela negra Almeyda, habitante do quilombo que sobrevive ao massacre final, a uma índia curandeira chamada Zibatra. Ao reescrever a história oficial, Jones mistura raças, cores e línguas e repensa a própria identidade de mulher negra, americana e brasileira. A avó de Almeyda, escrava africana de origem islâmica e língua árabe, lutara contra o esquecimento da língua que lhe fora tirada, tentando colar fragmentos e encaixar palavras novas onde lhe faltavam as antigas. Resgatando a história marginalizada e negada, o texto expõe a fragmentação e a destruição de culturas mas rejeita a ilusão de origem pura cristalizada no mito da autenticidade.

⁷ JONES, Gayl. *Corregidora*. Boston: Beacon, 1975. p.138.

Almeyda percebe que é impossível imaginar um mundo fixo e imutável, já que não há um "começo" ou uma "origem" a ser recuperada. Diz o poema: "Minha avó sempre contava como nós/ perdemos aqui nossa língua,/ mas ela falava árabe quando/ veio para cá, então já tinha/ perdido sua língua original muitas gerações antes". A consciência da opressão e do poder impulsiona a resistência através da língua do colonizador, calibânicamente transformada para revidar a história oficial. "Usaremos as mesmas palavras," continua Almeyda, "mas elas serão diferentes"; "precisamos refazer nossas vozes, porque as vozes velhas não servem mais".⁸

Desde os anos 80, a dicotomia racial dos Estados Unidos vem sendo questionada e o influxo de novos grupos imigrantes, vindos principalmente da América Latina, das ilhas do Caribe e de países asiáticos, acrescenta tons e misturas à face do país. Mesmo sem uma tradição legal, histórica ou cultural para apoiar pessoas de raça mista, a forma de pensar o país e a cultura vem obrigatoriamente mudando. Já em 1982 o antropólogo Victor Turner observava que "aquilo que fora considerado *contaminado*, *promíscuo* ou *impuro*" e, conseqüentemente, relegado a plano inferior, estava se tornando "foco de atenção analítica pós-moderna".⁹

Redescoberto pelos pesquisadores dos Estudos Culturais e da Crítica Pós-colonial via Mikhail Bakhtin, o conceito de hibridismo tem estimulado pesquisas nas áreas de estudos lingüísticos e culturais, principalmente na abordagem de culturas criadas em regiões de intensa mistura e/ou espaços de fronteira. Em geral buscando a valorização do poder de resistência e negociação das culturas subalternas ou periféricas em novas políticas da diferença, a discussão é liderada em grande parte por intelectuais com história pessoal de migrações e deslocamentos como Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Stuart Hall, Paul Gilroy e Néstor García Canclini. Voltando-se especificamente para a dramática história da diáspora africana, Gilroy descreve o

⁸ JONES, Gayl. *Song for Anninho*. Detroit: Lotus, 1981. p. 47, 62.

⁹ apud KAPCHAN, Deborah A. Introduction. Special Issue: Theorizing the hybrid. *Journal of American Folklore*, University of Missouri, v. 112, no. 445, p. 240, Summer 1999.

Oceano Atlântico como um espaço histórico-geográfico "intercultural e transnacional" onde as culturas vêm-se mesclando através dos séculos. Seu livro *Black Atlantic* (1993) trata do "inevitável hibridismo e cruzamento de idéias" decorrente dessa mescla e pretende evidenciar "a instabilidade e a mutabilidade das identidades, que estão sempre incompletas e vão continuamente sendo refeitas". A partir da experiência dos negros na Inglaterra, a intenção de Gilroy é demolir "a trágica popularidade das idéias sobre integridade e pureza das culturas" e repudiar "a perigosa obsessão com a pureza *racial*" que tem contaminado tanto brancos quanto negros, principalmente nos Estados Unidos. Gilroy defende a recuperação e o fortalecimento das culturas da diáspora negra e o reconhecimento do "inescapável e legítimo valor da mutação, do hibridismo e das misturas".¹⁰

Para pensadores como Robert Stam (2001), as teorias contemporâneas que enfatizam deslizamentos e interstícios e descartam categorias estanques e maniqueístas permitem ao hemisfério norte apropriar-se de idéias e questões longamente debatidas e vivenciadas na América Latina, no Caribe e outras áreas periféricas, sem que isso resulte em transformações de hierarquia e poder.¹¹ Néstor García Canclini já mostrou que "a hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas". A tradição do hibridismo está sendo gradualmente transplantada para dentro dos Estados Unidos com a ajuda decisiva de latino-americanos e dos *chicanos* e *latinos* (cidadãos ou residentes permanentes naquele país) que assumem identidades mestiças, contribuindo para minar idéias divididas e binárias de fronteira. Para Canclini, é na fronteira entre

University of Missouri, v. 112, no. 445, p. 240, Summer 1999.

¹⁰ GILROY, Paul. *The Black Atlantic: modernity and double consciousness*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993. p. XI, 7, 223.

¹¹ STAM, Robert. Hybridity and the aesthetics of garbage. In: *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Carib (E.I.A.L.)*, v. 9, n. 1, jan.-jun. 1998. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/IX_1/stam.html>. Acesso em: 06 nov. 2001.

México e Estados Unidos que se desenvolve hoje "a reflexão mais inovadora sobre a desterritorialização", um campo fértil para a construção de novas utopias e linguagens.¹²

Embora Bhabha, García Canclini e outros pensadores adotem o conceito de hibridismo por seu poder libertador e anti-hegemônico, diversos estudiosos têm problematizado a questão ao abordar sua utilidade para a cultura hegemônica e sua ligação com a reterritorialização capitalista.¹³ Para Robert Young, inclusive, a adoção entusiasmada do hibridismo no discurso crítico pode revelar a retomada da obsessão colonial com a idéia de raça, perpetuando uma linguagem racista e preconceituosa ao invés de distanciar-se dela.¹⁴ Segundo Abdul JanMohamed, o poder imperial e/ou hegemônico *não* busca aproximar-se do outro subalterno ou periférico; pelo contrário, ele tende a rejeitar, temer e reprimir o espaço e a cultura do colonizado. Consequentemente, o desenvolvimento do sincretismo literário e cultural tem cabido "não aos escritores colonialistas e neocolonialistas mas sim, cada vez mais, aos artistas do Terceiro Mundo".¹⁵ Chandra T. Mohanty, Benita Parry e Aijaz Ahmad discordam do viés "textual e idealista" de estudos que sugerem igualdade de condições no processo imperial e tendem a relevar especificidades locais, conflitos políticos e exploração econômica.¹⁶ Segundo Ahmad, o hibridismo tem-se apresentado de forma celebratória sem que se pergunte "para dentro de qual cultura e nos termos de quem" ocorre a hibridação. Assim utilizado, o conceito perde densidade histórica e simplifica as leis de mercado dentro de uma inconcebível igualdade universal.¹⁷ Numa linha de raciocínio semelhante, Robert Stam lembra que o hibridismo nunca foi um encontro

¹² GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 326, 312.

¹³ Por exemplo, MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

¹⁴ YOUNG, Robert J.C. *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. London: Routledge, 1995. p.27.

¹⁵ JANMOHAMED, Abdul R. The economy of Manichean allegory: the function of racial difference in colonialist literature. *Critical Inquiry*, University of Chicago, v.12, no. 1, p. 85, Fall 1985.

¹⁶ ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Eds.). *Hybridity*. In:----- . *Key concepts in Post-colonial Studies*. London and New York: Routledge, 1998. p. 119.

¹⁷ AHMAD, Aijaz. The politics of literary postcoloniality. *Race & Class*, London, v. 36, no. 3, p. 17, Jan.-Mar. 1995.

pacífico na história das Américas; a articulação de uma identidade nacional híbrida no discurso oficial latino-americano busca disfarçar a hegemonia racial e as explorações inerentes a seu modelo político.

Nos Estados Unidos, o legado de séculos de segregação tem sido um grande desafio para intelectuais e escritores negros. Ao tentarem reagir contra situações de invisibilidade, representações injustas e depreciativas, além de práticas violentas e exclusórias, muitos buscaram "validação e reconhecimento" através de um discurso totalizante.¹⁸ Processos culturais, sociais, econômicos e políticos influenciaram essas reações e motivaram textos que promoviam a homogeneidade, autenticidade e coesão da cultura negra na Diáspora. Isso acabou apagando especificidades e diferenças, embora as reflexões de DuBois, Fanon e Baraka, dentre outros, já viessem quebrando o discurso monolítico e "inocente". Apoiando-se no trabalho do jamaicano Stuart Hall, Cornel West alerta que "branco" e "negro" são categorias construídas que, se examinadas junto aos binômios referentes a gênero, preferência sexual, classe e nação, revelam "o caráter profundamente híbrido do que se entende por 'raça', 'etnia' e 'nacionalidade'." Em época de "crescente hostilidade racial, violência e polarização nos Estados Unidos", West enfatiza a necessidade de descartar visões separatistas, paroquiais e totalizantes e adotar uma "nova política cultural da diferença" que seja afirmativa, orgulhosa da tradição de resistência negra, consciente das manobras das elites do Primeiro Mundo capitalista, e ao mesmo tempo aberta à alteridade e à diferença num contexto internacional.

Este trabalho apenas alinhava algumas considerações sobre o híbrido a partir de obras de três escritores negros dos Estados Unidos que utilizaram gêneros literários diversos em diferentes

¹⁸ WEST, Cornel. The new cultural politics of difference. In FERGUSON, Russell et al. (Eds.), *Out there: marginalization and contemporary cultures*. New York and Cambridge, Mass.: The New Museum of Contemporary Art and Massachusetts Institute of Technology, 1990. p. 19-36.

períodos do século XX: Langston Hughes, Gayl Jones e Cornel West. Sem qualquer tentativa de fechamento ou conclusão geral, pretende-se expandir e problematizar a discussão teórica sobre hibridação cultural. Corre-se o risco de generalizar a respeito do outro no discurso colonial, limitando-se a pensar a relação Europa-Terceiro Mundo, e também de relacionar o híbrido exclusivamente a grupos de fronteira ou de imigrantes. Ao falar dos Estados Unidos, é essencial considerar a experiência de "colonização interna" dos afro-americanos (termos usado por Henry Louis Gates),¹⁹ atentar para suas especificidades e variedades, e articular um tipo de crítica cultural vinculado à história política e econômica.

¹⁹ GATES, Henry Louis. African American criticism. In: GREENBLATT, Stephen J.; GUNN, Giles B. (Eds.). *Redrawing the boundaries: the transformation of English and American literary studies*. New York: The Modern language Association of America, 1992. p. 316.